

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 47

Data: 17.12.68

Pg.: _____

Polícia abre inquérito da missão Calleri

Manaus (Correspondente). Um novo depoimento de um oficial Renon Barros na polícia fortaleceu a suspeita de que o massacre da expedição do padre Calleri foi provocado por homens brancos e determinou abertura imediata de inquérito, pelo chefe de polícia do Amazo-

gaúcho Ernâni revelou a presença de 60 caçadores armados na região cercada pelos índios atropelados. A prova com uma amostra de erva a existência de uma grande plantação de canha no local, de propriedade do comerciante Alfredo Alencar, cujos empre- os foram vistos por ele no Uatumã, levando uma amostra da expedição do padre Calleri.

VITE

Para levar o chefe de polícia do Amazonas, Sr. João Renon Barros, a organizar rapidamente uma diligência, com participação de dois agentes da Polícia Federal, o chefe Ernâni Renon Barros, de cumprimento de missão, fez inicialmente uma verificação nas informações que o davam como certo e explicou que a localização das pertences da expedição Calleri foi pura e acidental.

— Estava sem ocupação em Itacoatiara quando recebeu o convite para subir ao Uatumã, como motorista de uma embarcação da polícia, que iria reprimir a venda de produtos ilegais. Chegando à fazenda Morena, o engenheiro-agrônomo Manoel Francisco Fiuza de Lima, empregado da repartição, associou-se com a ajuda perguntou se ele não queria "fiscal contratado para apurar a procedência na denúncia."

— Com o espírito aventureiro, metade dos seus 35 anos fora de casa, Ernâni Barros, que foi ga-

rimpeiro em Rondônia e candango em Brasília, aceitou de imediato a missão da Sudepe e levou uma pastilha que o credenciava a fiscalizar a propriedade do Sr. Alfredo Alencar. Aproveitando a ausência do comerciante, com quem ele tinha cruzado no rio Uatumã, o gaúcho fez uma investigação na sua propriedade e descobriu a plantação de maconha, e guardou uma amostra da erva no bolso, como prova.

DESCOBERTA

Na investigação, Ernâni também descobriu uma canoa de casco largo, coberta por uma lona grossa, que parecia esconder alguns volumes pesados. Em uma das beiradas do barco viu claramente vasilhames de plástico e caixas que não soube identificar. Enquanto observava, a embalagem de lona, aproximaram-se em uma outra canoa três pescadores, empregados do Sr. Alfredo Alencar. Era uma tarde dos últimos dias de novembro. O PARA-SAR ainda procurava a expedição. Na mão, um dos pescadores levava a bandeira do padre Calleri, de formato retangular, branca, com um círculo vermelho no centro, igual à bandeira do Japão.

— Onde é que vocês acharam isto? — perguntou o gaúcho aos pescadores.

— Estava lá no Santo Antônio, mas não adianta você ir lá, porque não tem mais nada. A barraca do padre foi rasgada a facão — responderam os caboclos, entregando ao gaúcho a bandeira e o resto do material recolhido em um dos acampamentos utilizados pela expedição, quando estava se aproximando da maloca da Esperança.

— Eu peguei a bandeira e rumei rio acima, para a usina de pau rosa Nossa Senhora de Nazaré, porque achava que ela devia ser

novamente fincada no local. Foi atrás do pessoal do Sr. Amílcar Pereira Alves, o português proprietário da usina, para ver se podia fazer alguma coisa, porque na ocasião pensei que a bandeira estivesse significando uma sinalização para os aviões da FAB — disse Ernâni.

— Quando cheguei à usina, a situação era de pânico, porque as emissoras já davam como certo o massacre da expedição. Os operários já não queriam trabalhar na extração do óleo e a própria mulher do Sr. Amílcar, que vive lá há muitos anos, reunia as crianças para vir embora: "Menino, eu estou com medo. Esses índios estão aqui por perto" — relatou o gaúcho no seu depoimento à polícia.

— Pode ser, pode ser — comentou na ocasião o português — mas eu não acredito que os atroaris tenham feito isto. Eles já estiveram aqui na usina várias vezes, já me encontrei com eles no mato e nunca houve nada. Vocês querem saber de uma coisa? Eu não vou sair daqui e nenhum operário meu vai embora. Vamos fazer um trato: eu vou procurar esses índios e se dentro de cinco dias eu não voltar, é porque eles estão brabos mesmo.

Quando o Sr. Amílcar perguntou "qual é o machinho que quer ir comigo", três operários seus e o gaúcho se levantaram dispostos a integrar o que eles próprios denominaram de missão maloca. Ao deixar o porto da usina, na manhã do dia 30 de novembro, enquanto os aviões intensificavam as buscas, o velho português advertiu a mulher:

— Se demorar muito, já sabe, pode ir embora para Itacoatiara, porque nós inteiramos os quatorze.

NA MALOCA

Conta o gaúcho que a missão seguiu o roteiro in-

dicado pelos pescadores e atingiu a maloca Queimada, depois de subir o Uatumã e navegar uma hora e meia por um furo à direita do Igarapé de Santo Antônio. Com a indicação fornecida pelos empregados do comerciante Alfredo Alencar, foi fácil localizar o que deveria ter sido o penúltimo acampamento do padre Calleri. Disse ele que eram pouco mais de 47 horas do dia 1.º de dezembro, quando localizaram a tenda do padre sob forte chuva, relâmpagos e trovoadas. Dois dias antes, o PARA-SAR havia resgatado as ossadas da expedição, no local do massacre, a 10 quilômetros da maloca Queimada, mas os integrantes da missão Amílcar ignoravam o fato e continuavam a procurar os corpos.

Como só tivessem encontrado um saco de sarrapilha e uma camisa branca, eles ainda pernolaram na maloca Queimada e, no outro dia, deram uma busca ao redor, para ver se localizavam o motor de pópa, o motor de luz e o aparelho de fonô, que eram relacionados como os objetos de maior importância da expedição.

O chefe da missão, Sr. Amílcar Pereira Alves, não se conformou com a ausência de sinais e queria ingressar pelo varadouro, na tentativa de estabelecer contato com os atroaris, mas, tanto o gaúcho como os três operários, reagiram à idéia de penetração:

— São Amílcar, vamos voltar pelo amor de Deus. O senhor tem filhos e esses rapazes também. Nós estamos vivendo bem, sem procurar índios. Vamos supor que a gente demore: o pessoal da usina vai todo embora — advertiu o gaúcho ao velho português.

Na volta, depois de deixar Amílcar na Usina Nossa Senhora de Nazaré e passar pela propriedade do comer-

ciante e chefe dos caçadores, Sr. Alfredo Alencar, onde estranhou a movimentação de gente, o gaúcho lembrou-se de que a tenda do padre Calleri estava perfeita, ao contrário do que afirmaram os pescadores.

SAQUE

Em Manaus, prestando depoimento às autoridades em companhia do delegado de Itacoatiara, major Edgar da Gama, o gaúcho Ernâni acrescentou que os pescadores do Sr. Alfredo Alencar atingiram o acampamento do padre Calleri, seguindo as coordenadas divulgadas pelo rádio e que foram lá "para apanhar duas carabinas automáticas".

Como esta resposta não convencesse, o Chefe de Polícia indagou a Ernâni Renon Barros se ele admitia a hipótese de os caçadores ou pescadores do Sr. Alfredo Alencar terem estado no local ou mais adiante, e saqueado os motores e o aparelho de fonô.

— Chefe, na minha pouca sabedoria, dá para impressionar.

A tenda do padre estava só encharcada e depois eu vi uma canoa coberta por uma lona com muitos volumes escondidos. Aliás — disse o gaúcho com desembaraço — quando eu perguntei aos pescadores se eles tinham alguma coisa para vender, eles se olharam e disseram que só havia cigarros Sissi, Continental e Minister. Foi só.

O padre Silvano Sabatini, da prelazia Consolata de Roraima, amigo e admirador do padre Calleri, que assistira ao depoimento ao lado do chefe de polícia, será fazer uma única pergunta ao gaúcho, disse às autoridades que a expedição massacrada levava só essas três marcas de cigarro e que seus vasilhames de gasolina eram todos de plástico.